



# Memórias de um Sargento de Milícias

Manuel Antônio de Almeida

## Introdução: o contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 — e sua permanência na colônia até 1821 — determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

### Num primeiro momento:

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

### Em 1822:

- a Independência do Brasil, que teve como consequência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasileiras;
- o início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

### De 1831 a 1840:

- o Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845.
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado Imperador do Brasil no ano seguinte.

### De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:

- de 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;
- de 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;

- de 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio — como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora — ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais — como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Sílvio Romero. Constituem exceção os escritores de origem humilde: Manuel Antônio de Almeida é um deles.

---

## O Romantismo: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultrarromantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
- o predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
- o desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
- a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
- na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
- no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
- na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
- na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultrarromânticos;
- a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcade;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
- a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe etc.

---

## O contexto da prosa romântica brasileira

Data o Romantismo brasileiro de 1836 e sua prosa apresenta, bem definidas, características estéticas em que se marca um "nacionalismo literário", identificado tanto no indianismo alencariano quanto na prosa de conotação histórica e de ambientação regionalista — em que também se coloca José de Alencar, ao par de autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O Romantismo marca um período em que se inicia uma atividade literária voltada para os valores nacionais: há quem se interesse por aquilo que é nativo; tem-se, assim, o indianismo, já que nossa cultura nativa é a indígena. Por outro lado, faz-se também uma leitura da sociedade urbana fluminense incipiente, que sucede à observação dessa cultura nativa.

Desse modo, a prosa romântica apresenta uma riqueza temática de grande valor histórico e mesmo literário. Enquanto o Ceará — em *Iracema* — e o interior do Rio — em *O Guarani* — instituem-se como cenários de uma gênese da brasilidade e a região confluyente entre Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás representa um espaço preferencial no âmbito regionalista, o Rio de Janeiro desponta como centro de referência para os escritores da prosa romântica urbana.

Evidencia-se o interesse dos prosadores em pintar as cores locais, enfocando o espaço, o homem brasileiro, em busca do registro de uma cultura nativa (aborígene, indianista), sem, entretanto, deixar de observar os costumes e comportamentos de uma sociedade que se forma tanto no ambiente rural, como se vê em *Inocência*, como urbana, registrada, por exemplo, em *Senhora*. Essa é a razão do aparecimento da produção literária indianista, da regionalista e da urbana.

---

## Manuel Antônio de Almeida: um autor romântico diferente

O contexto cultural mencionado é o berço em que surge a figura do médico Manuel Antônio de Almeida, nascido no Rio de Janeiro, aos 17 de novembro de 1831, e falecido no naufrágio do vapor "Hermes" em 1861.

Descendente de portugueses, fez os estudos secundários no Colégio São Pedro de Alcântara e posteriormente se matriculou em um curso de desenho na Escola de Belas Artes. Matriculou-se, no ano de 1848, na Faculdade de Medicina e diplomou-se médico, no ano de 1855, sem que jamais tivesse exercido a profissão de Hipócrates.

Desde estudante, revelou-se inclinado à atividade jornalística, colaborando, sobretudo, no *Correio Mercantil*. Nesse jornal publicou, com o pseudônimo de "Um Brasileiro" e sob a forma de folhetins (porções semanais do texto), na "Pacotilha" — um suplemento político-literário —, as *Memórias de um Sargento de Milícias*, no decorrer de 1852/53. Não elaborou uma sequência cronológica dos episódios, os quais viriam a ser publicados em 1854 e 1855 — com alterações na ordem dos capítulos e na composição do texto — em dois volumes, como o livro *Memórias de um Sargento de Milícias*.

No ano de 1858 entrou para a Tipografia Nacional e em 1859 ocupou o cargo de Segundo Oficial da Secretaria dos Negócios da Fazenda, não abandonando, porém, jamais, a atividade jornalística.

Além da obra em pauta, Almeida deixou um drama lírico — *Dois Amores* —, traduções, sua tese de doutoramento em Medicina e outros escritos menos importantes.

---

## *Memórias de um Sargento de Milícias*: uma obra que foge aos padrões românticos

A obra tem como lastro as memórias verídicas do português Antônio César Ramos, um sargento de milícias. Tais memórias já eram de conhecimento do autor.

Há de marcante no único romance (ou novela?) escrito por Manuel Antônio de Almeida o fato de que a obra não se acomoda aos padrões estéticos de sua época e, como afirma o professor Massaud Moisés, "A novela de Manuel Antônio de Almeida ocupa um lugar especial no cenário de nossa ficção romântica, graças à sua originalidade, aparentemente fruto de geração espontânea, e que não deixou continuadores."

É importante observar a alusão do mestre à aparente "*geração espontânea*" da obra e ao fato de não ter *continuadores*. Quanto à possibilidade da geração espontânea, justifica-a o fato de Almeida antecipar uma disposição realista, com que não tivera contato: um *realismo instintivo*. O não ter deixado continuadores parece ser óbvio nesse contexto.

Um problema inicial que se apresenta à crítica é a classificação da obra quanto à estrutura: pode ser uma novela picaresca, ou um romance de costumes, ou um romance de realismo arcaico ou, ainda, um romance de antecipações realistas. Enfim, segundo afirma Massaud Moisés, a melhor compreensão enquadrá-a como novela picaresca.

De acordo com o *Dicionário Michaellis*, diz-se picaresca a literatura espanhola do século XVII, em que se descrevem costumes cômicos, risíveis, ridículos. Teria Manuel Antônio de Almeida a influência dessa espécie de produção literária? O próprio professor Massaud Moisés indica que não há nela nenhuma influência diretamente conhecida. Portanto, o que marca o discurso de Almeida como novela é a estrutura, a irregularidade sequencial dos episódios oriundos dos folhetins. O próprio re-arranjo dos episódios, quando da composição do livro, permite essa posição, relativamente à classificação da narrativa almeidiana.

---

Em comparação com outro prosador coetâneo, Joaquim Manuel de Macedo, afirma o professor Alfredo Bosi:

... "Por outro lado, falta a Macedo para ser um memorialista de valor o que sobejava a Manuel Antônio de Almeida — o senso vivo do ridículo em que as convenções enredam o homem comum."

Isto porque Macedo mostrava uma "carência de realidade moral" e, ainda, conforme Bosi, Joaquim Manuel de Macedo era um "sub-romancista", pela pobreza da fantasia e "sub-romântico", pela míngua de sentimento."

Que mais diz o mestre em sua comparação?

"No outro polo as Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida, estão isentas de qualquer traço idealizante e procuram despregar-se da matéria romanceada graças ao método objetivo de composição, próximo do que seria uma crônica histórica cujo autor se divertisse em resenhar as andanças e os pecadinhos do "uomo qualunque".

"Em Macedo a veracidade dos costumes fluminenses aparece distorcida pela cumplicidade tácita com a leitora que ora quer rir, ora chorar, de onde resulta um realismo de segunda mão, não raro rasteiro e lamuriento. Em Manuel Antônio, o compromisso é mais alto e legítimo, porque se faz entre o relato de um momento histórico (o Rio sob D. João IV) e uma visão desenganada da existência, fonte do humor difuso no seu único romance."

Também elogia Manuel Antônio de Almeida o professor Antônio Cândido, que ensina sobre a disparidade da obra, com relação à estética romântica. Segundo o crítico, o escritor não se preocupou em seguir uma tendência estética — no caso o Romantismo — nem teve intenção de fazer escola, pois "*parece não ter ambicionado particularmente a glória literária...*" E continua:

"Como estabeleceu Paulo Rónai, não se trata de um fenômeno de realismo antecipado, mas de realismo arcaico; uma narrativa inspirada nos romances de cunho picaresco dos séculos XVII e XVIII. Poder-se-ia ajuntar que as suas características são, porventura, devidas, também, ao fato do autor escrever sem compromissos literários. Era um amador anônimo, sem responsabilidade em face da moda reinante, contando episódios que lhe foram narrados por um companheiro... Essa pureza espontânea, servida por um grande talento narrativo, uma absoluta falta de atitude, levou-o a despreocupar-se em "fazer estilo", e tornou a sua obra um exemplar raro e encantador das tendências realistas, em contraposição às que, no Romantismo, visavam à amplificação retórica e à fraseologia idealista."

---

## O enredo

Já no capítulo I do livro o leitor depara com um jeito — ou tom — diferente de narrar. Também o ambiente é diferente: não se trata, aqui, dos salões de baile da corte, nem de alguma casa da alta burguesia que serviria de cenário para um grande e complicado caso de amor, recheado de aventuras e obstáculos. O espaço primeiramente apresentado é frequentado pelo povo — ou pela "arraia miúda", no dizer de grande parte da crítica. São essas as personagens que movimentarão a história.

"Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as Ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O cato dos meirinhos —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamavam o processo."

Daí sua influência moral.

"Mas tinha ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje; era a influência que deriva de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana.[...]"

.....  
 "...Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. [...] Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome. [...]"

O Leonardo Pataca a que se refere o texto transcrito é pai de outro Leonardo, a personagem principal da obra. A mãe é Maria da Hortaliça, também portuguesa.

Leonardo Pataca é o mais velho dos meirinhos (oficial de Justiça) da praça do Rio de Janeiro. Pataca (moeda antiga) é apelido que se juntou a seu nome, devido às constantes queixas que fazia relativamente ao salário de funcionário público. Maria da Hortaliça, a mãe, é descrita como *quitandeira das Praças de Lisboa, saloia, rechonchuda e bonitona*. O adjetivo *bonitona*, dado pelo narrador, tem sentido moralmente pejorativo.

Ambos travaram conhecimento numa viagem que faziam de navio:

"[...] Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra [...]"

Assim, depois de *pisadelas e beliscões*, ajuntaram-se. Passados sete meses, nasceu Leonardo, garoto saudável, chorão, cabeludo e irrequieto:

"[...] sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. [...]"

Genioso e desobediente, Leonardo foi abandonado pelo pai, que o expulsou de casa a pontapés, aos sete anos de idade, depois que Maria da Hortaliça, a mãe, fugiu para Portugal com um novo amante, capitão de um navio.

Escorraçado pelo pai, na época um funcionário público, Leonardo é abrigado pelo barbeiro vizinho, seu padrinho, que o queria gente. A madrinha, uma parteira gorda, bonachona e ingênua, que também "benzia de quebranto" e a quem o menino demonstrava uma "ojeriza particular", gostava muito dele e encobria-lhe as travessuras e maldades. Leonardo era de temperamento folgazão e criador de confusões; por isso, arrumou inúmeros problemas com a vizinha do padrinho e da madrinha. Tal vizinha era a mãe de Chiquinha, moça por quem mais tarde Leonardo Pataca (pai) apaixonou-se e com quem chega a casar e ter uma filha.

Por mais que o padrinho se esforçasse e se dedicasse, Leonardo teve muita dificuldade para frequentar a escola, em grande parte por causa do seu mau temperamento:

"À custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas e sobretudo de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever

ainda pior. Em todo esse tempo não se passou um só dia em que ele não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; [...]

[...]

Afinal o menino tomou um dia uma resolução íntima e propôs ao padrinho que o fizesse sacristão.

Isso seria muito bom, disse ele, a fim de acostumar-me para quando for padre.

[...]

— Está bem, dissera consigo o padrinho, ele já sabe ler alguma coisa e escrever; deixo-o, para fazer a vontade, algum tempo na Sé, para que também tome mais amor àquela vida, e depois, apenas o ir com o juízo mais assente, hei de ir adiante com a coisa. [...]

Em poucos dias aprontou-se, e em uma bela manhã saiu de casa vestido com a competente batina e a sobrepeliz, e foi tomar posse do emprego. [...]"

Assim, Leonardo tornou-se coroinha, mas terminou expulso pelo padre, devido ao seu comportamento inaceitável. Cresceu e tornou-se um malandro vadio.

Moço, apaixonou-se por Luisinha, sobrinha de uma senhora rica:

"Cremos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja ele fácil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. E escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a princípio tanto desafiara a sua hilaridade por esquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: fato é que ele a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se pode augurar a de um filho, o Leonardo em matéria de amor não prometia de certo grande fortuna. E com efeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as coisas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quase todos os sentidos. Luizinha, uma vez extinto o entusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apatia, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois desses acontecimentos, nem para este último levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levara depois daquela feliz noite a construir esses castelos de extravagante arquitetura com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se viu assim tratado quase desatou a chorar: só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento sucedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chama de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chamá-la quatro ou cinco vezes de estúrdia e feia. Afinal cismou um pouco e murmurou um que me importa! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A primeira visita depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as cousas se passaram pouco mais ou menos do mesmo modo."

No entanto, Luisinha compromete-se com um tal José Manuel:

"Se Leonardo se afligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o aparecimento e com as disposições de José Manuel, o padrinho não se incomodava menos com isso; vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquele seu gigantesco plano de manda-lo á Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se ocupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para que ensaiasse na cara de algum freguês tolo entrar no ofício; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez aparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projeto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma ocasião em que nisso falou diante dele, custou-lhe a história uma forte sarabanda: o rapaz tomara gosto à vida de vadio, e por princípio algum queria deixá-la. E se em outras ocasiões estava ele desse humor, agora depois dos últimos acontecimentos, quando o amor e o ciúme lhe

ocupavam a alma, não queria ouvir falar em semelhantes cousas; acreditava que a sua melhor ocupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepusera.

No meio de tudo isto pior era que José Manuel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, insinuava-se destramente no ânimo de D. Maria, e a cativava com atenções de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma ideia: era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessá-la no negócio; ela era bem capaz, se quisesse, de arcar com José Manuel, e pô-lo fora de combate; gozava de boa fama de ter jeito para essas cousas. Com efeito mandou chamar a comadre e expôs-lhe tudo."

A madrinha passa, então, a perseguir José Manuel e seus planos. Enquanto isso, Leonardo "ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha."

Morto o padrinho, reaparece Leonardo Pataca, o pai. Claro que Pataca estava de olho na herança deixada pelo barbeiro. A esse tempo, o pai de Leonardo passara a viver com Chiquinha, filha da madrinha de Leonardo.

A madrinha, ciosa de seus compromissos com o afilhado, vai morar no mesmo ambiente deles; além do ofício de parteira, continuava ela a "ocupar o seu tempo disponível nesse grave negócio, e movia uma intriga surdíssima e constante contra o rival de seu afilhado". Claro que Leonardo tem entreveros com Chiquinha e é, de novo, expulso pelo pai, como já fora na infância.

Em suas andanças de vagabundo, Leonardo encontra um antigo companheiro, Tomás da Sé. Nesse ponto conhece Vidinha, uma mulata, por quem se apaixona após ouvi-la tocar viola e cantar uma modinha:

"O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha queda para aquelas cousas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora."

O Major Vidigal prende Leonardo por vadiagem. Ele, contudo, consegue fugir antes de chegar à cadeia e vai trabalhar na despensa real. É despedido, ao tentar conquistar a companheira de um colega. É preso e torna-se soldado e auxiliar do Major Vidigal. Incumbido de prender um bicheiro, Teotônio, permite negociar e deixar o contraventor escapar. Novamente vai para a prisão.

Por intercessão de uma ex-amante do Major, a Maria Regalada, Leonardo não apenas é solto mas também promovido a Sargento de Milícias.

Reencontrando Luisinha, que ficara viúva de José Manuel — com quem se casara após ser abandonada por Leonardo —, com ela se casa. E recebe uma carta do pai, que lhe pretende entregar a herança intacta deixada pelo padrinho:

"Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final."

---

## O narrador e seu estilo

O discurso está estruturado em terceira pessoa; tem um narrador-observador que se mantém isento de tomar partido com relação à sorte dos *figurantes*; ao contrário, ironiza-os, brinca com a sorte deles. No texto, as personagens oscilam sempre e em igual proporção entre o bem e o mal: suas ações estão na dependência das circunstâncias e interesses. Neste ponto é que se lê a tendência pré-realista do autor.

O tom é mordaz, irônico: uma arma com que vergasta os costumes da sociedade do Rio de Janeiro. No trecho seguinte, extraído da obra, o narrador descreve cruel e ironicamente a figura da personagem José Manuel e, sem dúvida, através dessa descrição físico-sócio-psicológica achincalha a própria sociedade carioca da época:

"Quanto ao moral, se os sinais físicos não falham, quem olhasse a cara do Sr. José Manoel assinava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum: o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas

as suas qualidades possuía uma que infelizmente caracterizava naquele tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicência. José Manuel era uma crônica viva, porém crônica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos, e das famílias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e de suas famílias."

Note-se que a agudeza da crítica ameniza-se no tom bem-humorado da narrativa. Vale observar que a ironia mordaz, a palavra-lâmina não é característica própria do narrador romântico.

O receptor é chamado ao texto, há a tentativa de imiscuí-lo na trama, como num processo de convivência com o ponto de vista do narrador. Daí a mistura de pessoas gramaticais: quanto transita da terceira para a primeira pessoa do plural, inclui o leitor, forçando-o a comungar do espírito da narrativa. O narrador adverte o leitor para o que já narrou ou para o que ainda não o fez, usando um processo metalinguístico e uma linguagem jornalística, informal, descompromissada com a rigidez da norma culta.

Eis uma razão para a mistura de pessoas gramaticais: quando transita da terceira para a primeira pessoa do plural, inclui o leitor, como se este comungasse do seu ponto-de-vista.

Tem apreço ao tempo cronológico, como se fora uma preocupação com a dinâmica da realidade objetiva, marcada pelo pulsar das horas. O foco narrativo, assim trabalhado, torna díspar a obra no conceito da estrutura romântica: é mais próximo daquilo que se vê em textos modernistas.

---

## As personagens

- **Leonardo:** É o anti-herói da narrativa, "filho de uma pisadela e de um beliscão". Seus pais, os portugueses chegados ao Rio de Janeiro, Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, representam a classe social e moralmente inferior. Leonardo é criança problema desde a tenra idade. Aos sete anos é expulso de casa, pelo pai, a pontapés, depois que a mãe desaparece, voltando para Portugal, amigada com o comandante de um navio. Acolhido pelo padrinho, um barbeiro, causa-lhe inúmeros dissabores com mau comportamento. Abandonando a escola, vai tornar-se coroinha. Em seguida, o padre rejeita-o. Cresce malandro, explorador e vadio. Apaixona-se por Luisinha, mas não serve para casar-se com ela. Conhece uma mestiça, Vidinha com quem passa a ter relação. Enfim, Leonardo evidencia-se como o grande problema da narrativa. Seu destino parece ter sido adrede traçado, como convém a uma postura realista.
- **Leonardo Pataca:** Português, pai de Leonardo, trabalha como meirinho. Homem envolvido com paixões incertas, passa a viver com Maria da Hortaliça, a mãe de Leonardo. Há na vida dele o relacionamento com uma cigana, mas só encontra a paz amorosa com Chiquinha, com quem tem uma filha. Quando abandonado por Maria da Hortaliça, expulsa de casa o filho Leonardo, ainda criança, a pontapés.
- **Maria da Hortaliça:** Mãe de Leonardo, mulher de fraca moral, namoradeira e frívola. Um de seus amantes era o capitão de um navio, com o qual Maria fugiu para Portugal, abandonando Leonardo Pataca e o filho Leonardo.
- **Compadre Barbeiro:** Adota Leonardo e pretende um futuro brilhante para ele. Não consegue seu intento, dado o mau gênio do rapaz. Há também a comadre, espécie de protetora de Leonardo.
- **D. Maria:** Tia e tutora de Luisinha. Amiga da comadre e do compadre. Por Luisinha Leonardo apaixonou-se, mas D. Maria permitiu o casamento dela com José Manuel, outro aventureiro. Viúva de José Manuel, Luisinha termina por casar-se com o antigo namorado Leonardo.
- **Luisinha:** Filha de D. Maria, foi o primeiro amor de Leonardo. Sendo feia de traços, e desajeitada, não representa o protótipo das personagens românticas. Depois de enviuvar de José Manuel, que com ela se casara em busca dos bens da família, Luisinha vem a casar-se com o antigo namorado, Leonardo.
- **Major Vidigal:** É a autoridade máxima da localidade. Manda, executa a lei a seu modo e é muito respeitado. Foi enganado por Leonardo, quando este, no serviço militar, foi incumbido de prender um contraventor, mas com ele negociou e deixou-o escapar.
- **Vidinha:** Mestiça que Leonardo conheceu em suas andanças de vadio. Apaixonado por Vidinha, por uns tempos se esquece de Luisinha.
- **Chiquinha:** Filha da comadre, aquela que protegia Leonardo. Termina por casar-se com Leonardo Pataca. Vivem sob o mesmo teto, o pai Leonardo Pataca, Chiquinha, sua mulher, a

mãe dela, a comadre protetora de Leonardo (filho) e o próprio Leonardo, que volta a criar problemas.

- **Maria Regalada:** Amante do sisudo Major Vidigal. Era conhecida de D. Maria (mãe de Luisinha) e serviu de intercessora junto ao major para conseguir a libertação de Leonardo e sua promoção a Sargento de Milícias.
- **Vizinha do compadre:** Mulher com quem Leonardo implicou e criou vários problemas. Ela detestava Leonardo.
- **José Manuel:** mau caráter, primeiro marido de Luisinha. Deixou-a viúva.

Há outras personagens: caricaturas de menor expressão no enredo da obra. Figuram como pano de fundo da condição social em que se desenvolve a narrativa.

---

## O tempo

A narrativa desenvolve-se a partir de um tempo cronológico: período em que reinou D. João VI, no Brasil. O passado narrado coloca-se próximo do presente do narrador, o que dá um tom memorialista ao texto. A intenção do narrador é pintar os (maus) hábitos daquela sociedade: as futricas, o comportamento social deplorável, a proximidade da miséria econômica e moral; características inequívocas da realidade, porém tratadas com crítica zombeteira e bom humor. Almeida inicia o texto utilizando uma expressão própria das narrativas engraçadas ou pueris: "*Era no tempo do rei...*".

---

## O espaço

Geograficamente a narrativa instala-se na cidade do Rio de Janeiro, recriando ironicamente o espaço urbano do tempo em que esteve no Brasil o Rei D. João VI de Portugal. Nesse espaço, o narrador desenrola as mazelas de uma sociedade inculta, grosseira e despreparada, apesar da proximidade com o fausto da presença da corte portuguesa em nossa terra.

---

## A linguagem

A obra estrutura-se por meio de uma linguagem fluente, despreziosa e coloquial. O tom é jornalístico e não denota interesse intelectual do narrador. Aliás, dizem muitos estudiosos que a Manuel Antônio de Almeida não afetou interesse especificamente literário, motivo por que não se filiou necessariamente ao movimento romântico. Seu texto, única obra literária que deixou, mostra um espírito independente. Almeida escreveu porque escreveu. Apenas. Sua frase aproxima-se da coloquialidade pretendida por nossos modernistas: *o bom uso do português brasileiro*.

Fica, assim, uma obra do período romântico (1855), com pinceladas do Realismo ainda distante (1881) e linguagem de um Modernismo ainda insuspeito (1922).

---

## Atividades

**Para responder às questões de 1 a 8, leia o fragmento de texto seguinte com atenção:**

" A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ela suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso, na conferência que referíamos, tratara de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ela figurara e o compadre acreditara que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho.

---

Toda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã. À tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, aflito e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aéreo que o pontapé de seu pai o fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ela está arrependida... doudices de rapariga... mas não há de fazer outra...

O Leonardo não respondeu; pôs-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que ele estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronunciá-las se ele não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acaba-se tudo! Coitada!... ela ficou muito chorosa.

— Vamos, disse Leonardo!...

Chegando à porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que ele queria era algumas súplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas por Maria; a fim de fazê-la acreditar que se ele voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entra, homem... basta de crianças... o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto em umas das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre cômico e melancólico."

1. "... e por isso na conferência que referíamos tratara de engodar o compadre..." A que "conferência" se refere esse trecho do texto transcrito?
2. O que acontecera de decisivo para as vidas de Maria e do compadre em tal "conferência"?
3. Maria consegue, efetivamente, "engodar" o compadre?
4. "... e que a Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho." Que sentido tem, no romance, a expressão em destaque? Que significa "meirinho"?
5. Leia atentamente o último parágrafo do fragmento transcrito. O que acontece na história, depois dessa cena?
6. Que personagens cuidarão de Leonardo filho, após o abandono dos pais?
7. Qual é a reação de Luisinha, quando D. Maria lhe comunica a gravidade do estado de José Manuel?
8. Quem é, na história, a personagem Chiquinha?